

---

## Hospitalidade: delicadeza em gesto linguístico<sup>1</sup>

Mara Conceição Vieira de Oliveira<sup>2</sup>

### RESUMO

Este ensaio objetiva pensar de que modo a *textualidade* veicula hospitalidade e/ou inospitalidade, tanto que em latim, *Hostis*, designava *hóspede*, mas também *hostil*. Uma vez reconhecido o *lugar* como uma construção fundadora de cultura, que fará o pensamento chegar ao humano, decorrente da relação que este constrói com o lugar, entender-se-á que o nome, a memória, a loucura, habitam *a/na* língua, ou seja, o lugar representa a historicidade. A acolhida pode ser representada por diferentes situações, mas, aqui, empreende atenção a respeito do gesto linguístico, ou seja, como a textualidade influencia em boa acolhida. De que modo a palavra dita transmite um ato de hospitalidade? Pensar que em gesto linguístico há hospitalidade convoca não apenas refletir sobre os lugares de textualidade, sua historicidade, mas também alguns componentes essenciais à hospitalidade textual, por exemplo, a delicadeza. Tais problematizações se consubstanciam de modo teórico, principalmente, na leitura de Jacques Derrida, Anne Dufourmantelle e Roland Barthes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hospitalidade. Linguística. Textualidade.

*Cada um imerso em sua própria arrogância,  
esperando por um pouco de atenção.  
Renato Russo*

### INTRODUÇÃO

Toda chegada reserva expectativas. Quem chega deseja ser bem recebido, bem informado, “bem-vindo”. Bem-vindo, você a este ensaio. Chegue... “se achegue” à leitura e se sinta acolhido por ela, queira ficar nestas linhas, e ao sair delas, reciprocamente, leve-as contigo, como elas também esperam tê-lo até o final destas páginas. Num exercício de hospitalidade, podemos chegar e sair dos textos - um lugar abstrato, mas bastante representativo deste gesto hospitaleiro. Isso justifica pensar a hospitalidade numa perspectiva textual.

---

<sup>1</sup> Texto premiado: 1º. Lugar geral no CONCURSO INTERNO NACIONAL DE PRODUÇÕES CIENTÍFICAS, PROJETOS DE EXTENSÃO E ENSAIO da Estácio de Sá.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela UFF. Professora de Língua Portuguesa no Centro Universitário Estácio Juiz de Fora. Pesquisadora vinculada ao Programa de Iniciação Científica do Centro Universitário Estácio Juiz de Fora e ao CNPQ/UFF.

---

Hospitalidade do latim, *hospitalitas.atis*, significa, de acordo com dicionários da língua portuguesa, *ação ou efeito de hospedar; hospedagem. Característica da pessoa hospitaleira; qualidade do lugar em que há boa acolhida. Modo de tratar que expressa gentileza e amabilidade*. Evidente que esta acolhida num sentido mais denotativo remete a lugar físico: chegar à casa, à cidade, ao país do outro.

Este ensaio objetiva pensar de que modo a *textualidade* veicula hospitalidade e/ou inhospitalidade, tanto que em latim, *Hostis*, designava *hóspede*, mas também *hostil*, inimigo. Sendo reconhecido o lugar como uma construção fundadora de cultura, que fará o pensamento chegar ao humano, decorrente da relação que este constrói com o lugar, entender-se-á, com Derrida, que o nome, a memória, a loucura, habitam *a/na* língua, ou seja, o lugar representa a historicidade.

Diante disso, pergunta-se: “qual seria a cultura de fundação hoje? - E qual seria, pois, o lugar hoje para a hospitalidade?”, apontando como hipótese a noção de que o homem atual está imerso em contexto onde o tempo é escasso, o controle é dado por uma sociedade de mercado<sup>3</sup>, e as relações pessoais cada vez mais dilaceradas pela velocidade imposta pelas novas tecnologias, isso demarca um lugar pouco disponível para os gestos hospitaleiros.

No âmbito teórico-analítico, apenas, buscar-se-á, metodologicamente, descrever a relação entre textualidade e hospitalidade. Para tanto, o suporte teórico será demarcado, principalmente, pela apropriação de algumas considerações feitas por Jacques Derrida, Anne Dufourmantelle e Roland Barthes, no desenvolvimento do objetivo proposto.

## **Em Gesto Linguístico: Hospitalidade**

A acolhida pode ser representada por diferentes situações: linguagem falada e/ou gestual, modo de vestir, arrumação do próprio lugar físico (sala, escritório, quarto e até mesmo um país); decorre que neste ensaio empreende atenção a respeito do gesto linguístico, ou seja, como a textualidade influencia em boa acolhida. De que modo a palavra dita veicula um ato de hospitalidade?

---

<sup>3</sup> Sociedade de mercado: segundo Sandel (2012) é o modo de vida no qual valores do mercado permeiam a atividade humana.

---

A palavra dita revela características do lugar que o emissor ocupa. Não há discurso neutro; e as falas, ainda que profissionais, transmitem marcas focais do “eu”, da ideologia presente na formação subjetiva de cada indivíduo. Mesmo que haja preocupação estrutural quanto à imparcialidade na construção do enunciado, haverá sempre alguma marca que acaba escapando e revela uma intenção. As marcas formais do “eu” presentes na textualidade também revelam como será a acolhida neste lugar: hospitaleira ou hostil.

A escolha vocabular, a entonação, o tempo que se dedica a fornecer uma fala, os gestos (“caras e bocas”) que se articulam juntos à voz, tudo isso determina a chegada e a relação entre os desconhecidos: estrangeiro e outro. O lugar do outro sempre nos é estranho. Não é nosso e nem é do nosso conhecimento. Dufourmantelle diz que:

quando entramos num lugar desconhecido, a emoção sentida é quase sempre a de uma indefinível inquietude. Depois começa o lento trabalho de familiarização com o desconhecido, e pouco a pouco o mal-estar se interrompe. Uma nova familiaridade se segue ao susto provocado em nós pela irrupção de “um outro.” (2003, p.28).

Essa reação de inquietude presente na chegada faz conferir a alteridade, bem como o estranhamento comum que se sente ao estar diante do “novo”, ou de um pensamento que ainda não faz parte de uma memória. Os lugares conhecidos são construções simbólicas de nossa memória e de nossa história; embora, também se façam ilhotas desconhecidas em nós, mesmo quando, no presente, relembramo-los em tempos já distanciados. A lembrança pode transformar uma própria experiência pessoal em um novo lugar na memória e um espanto súbito pode decorrer daí, quando não reconhecemos em nós lugares que um dia foram nossos. Todavia, ainda segundo Dufourmantelle, “o corpo nunca deixa de encaminhar o desconhecido ao conhecido, de fatiar o mistério para fazê-lo seu, para clareá-lo. Nomeá-lo.” (2003, p.30)

Ainda que esta “intra-hospitalidade” seja por demais interessante e inquietante, voltemos a pensar na hospitalidade “entre”. Entre pessoas que chegam e pessoas que recebem, para as quais o desconhecido assusta. A reserva de expectativa por parte daquele que chega é denominada pela filosofia como “espanto” (Dufourmantelle, 2003), mas o espanto não é outro sentimento a não ser o desamparo por parte daquele que recebe; por isso, a abordagem linguística que se

---

faz do lugar é uma construção simbólica que poderá tanto ser estranha ou familiar àquele que chega. Agir com hospitalidade vai depender, pois, da disponibilidade recíproca dos sujeitos envolvidos nas chegadas. Aquele que recebe também chega ao outro, porque o estrangeiro é também estereótipo da alteridade nesta relação.

Se a chegada é, pois, uma mediação de lugares, culturas, memórias, e até mesmo loucura, podemos na esteira de Jacques Derrida, dizer que a hospitalidade habita a língua. Porém, qual é a língua dos tempos atuais? Onde caminha o homem atual? Quais são seus portos de partida e chegada? Impossível dizê-los, mas ele caminha..., e deparar com o espanto, com o desamparo é uma frequente em sua estrada, marcada ininterruptamente por um destino que só lhe garante o desconhecido. Por isso o sentir-se *bem-vindo* é tão caro. *Bem-vindo* precisa ser dito e ouvido na acolhida, precisa ser bem textualizado. É preciso uma textualidade que acolha.

### **Em Lugares de Chegada: Pouca Textualidade Hospitaleira**

A textualidade presente no ato de fala que veicula a hospitalidade é, portanto, uma forma estética e também ética, que revela um modo de ser do homem, no tempo e no espaço, em que está inserido. A relação do homem com o tempo tem modificado essa textualidade, uma vez que os impactos da velocidade e da própria relação com o tempo se modificaram. O homem moderno, ao viver espremido entre os maniqueísmos, endurecido pela solidão, saturado de intolerância, recalcado pelo consumo, não tem “tempo” para atos de fala que exijam textualidade hospitaleira; todavia, parece estar surpreendentemente, ávido por delicadeza, ao reclamar “boas vindas”.

O sujeito, chamado pós-moderno, surge a partir de uma identidade construída no imaginário global, e, assim, manipulado pelo movimento da sociedade de mercado. Além disso, ele é um telespectador diário dos eventos transmitidos pelas redes multinacionais. Para Perry Anderson esta situação diminui a capacidade individual de percepção de cada consciência, unificando a Terra eletronicamente e fazendo manifestar uma nova característica no sujeito: a histeria. “...a histeria denota um exagero de emoção, um fingimento meio inconsciente de intensidade para melhor encobrir alguma insensibilidade interior (ou, do ponto de vista psicanalítico,

---

exatamente o contrário)...”(Perry. 1999. p. 68). Similarmente Jameson interpretou esta condição da vida pós-moderna como sendo marcada pela “diminuição do afeto”. Para ele, o sujeito se torna então inseguro diante de instáveis parâmetros de uma vida psíquica altamente acidentada: depressiva e esquizofrênica.

A diminuição do afeto e da capacidade individual de percepção como responsáveis pela histeria e insegurança pós-moderna, servem de resposta (ainda que provisória) para caracterizar quem é o homem atual e os lugares de chegada por onde ele caminha. Vê-se nisso que suas chegadas serão em portos turbulentos, nos quais a *delicadeza* não comporá traço textual para que aconteça a hospitalidade. Há, pois, uma cultura pouco disponível para a hospitalidade, ou seja, para o trato “delicado” que a hospitalidade requer.

### **Em Delicadeza, Mais Hospitalidade**

A delicadeza, talvez seja ou sirva de contraponto ao estado de coisas instaurado na pós-modernidade. Buscando responder aos questionamentos colocados por este ensaio: “*qual é a língua dos tempos atuais?, Onde caminha o homem atual?, Quais são os portos de partida e de chegada?*” ocorre-me a questão da delicadeza, um gesto que buscarei pensar, evocando como referência a aula/texto de Roland Barthes de 04 de março de 1978.

Delicadeza, de *delicatus* significa efeminado, e pode pejorativamente, ser lida como aquilo que é inútil, fútil, feminino. A própria palavra já encontra um campo semântico de extrema desqualificação e resistência diante de uma cultura predominantemente machista. Barthes diz que “algumas pessoas não são tocadas por essa requintada qualidade” e ainda que “as mentes limitadas imaginam que o extremo do gosto não combina com a energia.” Essa energia, que se ganha quando cultivamos a delicadeza, poderia nos servir de saída para o terrível aprisionamento pós-moderno, imposto por uma cultura globalizada que forçosamente nos induz a sermos extremamente rápidos e superficiais. Na rapidez e superficialidade reside um artificialismo textual, por exemplo, na produção e repetição de frases prontas e nos atendimentos altamente informatizados, que por vezes impedem ou comprometem a hospitalidade. A hospitalidade exige tempo, atenção e cuidado para discernirmos nesse encontro com o outro as diferenças e aquilo que a cada um pode representar

---

o “espanto” ou o “desamparo”. Para se cultivar a delicadeza é preciso descobrir a individuação, pois uma conduta marcada pela delicadeza buscará o estado amoroso – o *sabi*, que significa: “simplicidade, naturalidade, não-conformismo, refinamento, liberdade, familiaridade estranhamente mitigada com desinteresse, banalidade cotidiana requintadamente velada de interioridade transcendental. ( BARTHES. 2003. p. 79).

Qualidades essas perdidas ou ocultadas pela ideologia predominante do sistema atual, em que *tudo custa tempo e tempo é dinheiro*. O *Sabi* é uma palavra japonesa do vocabulário Zen que Barthes denomina como sendo um sentimento de solidão e calma:

O espírito de solidão eterna, que é o espírito de ZEN, exprime-se com o nome de *sabi* nos diversos setores artísticos da vida, como trabalho de arquiteto, de paisagista, a cerimônia do chá, o salão de chá, a pintura, a arte de arranjar as flores, o vestuário, a mobília, a maneira de viver, a dança, a poesia etc.(BARTHES. 2003. p. 79)

E como podemos falar em hospitalidade, em cuidado com as palavras, ao receber o outro, se a condição precípua para sua textualidade - a singularidade do sujeito ou do grupo - está sendo ruída pelos ditames da história economia e política que estamos vivenciando? Uma história que tem sido escrita pelo viés da competitividade, da arrogância, da intolerância, da preguiça, da esperteza, da generalização, da falta de tempo? A delicadeza requer individuação, e para haver individuação não se podem reduzir os sujeitos por um discurso unificador. Segundo Barthes (2003, p.80), toda vez que, o prazer, o desejo, a tristeza são reduzidos, pela fala do outro, a um caso que se enquadra normalmente numa explicação ou numa classificação geral e convencional, há violação do princípio de delicadeza.

Sabemos e sentimos que a ordem vigente faz isso o tempo todo. Nossos desejos e nossa singularidade são solapados; a dificuldade de estar consigo é cada vez maior e quem dirá a disponibilidade em receber o outro com discursos hospitalares.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao pensar questões entorno da hospitalidade, este ensaio verificou que o gesto linguístico promove uma boa acolhida; todavia, o cenário atual funda um lugar

---

pouco propício para a textualidade hospitaleira. Determinado por uma cultura da falta de tempo e das convenções generalistas, os lugares de chegada não representam espaços para textos singulares e/ou para delicadeza. Os lugares terão limites demarcados pela ideologia dominante, exigindo um comportamento que convencionaliza as relações na contramão de atitudes essenciais para que se realize a hospitalidade de modo que cada um ou cada grupo tenha o direito em exercer sua individuação.

Em âmbito teórico e analítico, buscou-se reconhecer que, embora o sentimento de estranheza seja próprio de quem caminha, há maneiras de minimizá-lo, quando o gesto linguístico recobre-se de delicadeza para a construção de um lugar de chegada mais hospitaleiro. Verificou-se, ainda, que a cultura como fundadora de um lugar e de historicidade dará o tom ao texto, de modo que pela/na língua a hospitalidade é ou não revelada. Tal apontamento se consubstanciou, principalmente, na leitura de Jacques Derrida, Anne Dufourmantelle e Roland Barthes. A respeito dos motivos que possam comprometer a produção de um texto hospitaleiro, empreendeu-se leitura de noções sobre o sujeito e sua relação com a sociedade atual, em Perry Anderson e Frederic Jameson, para os quais a diminuição do afeto na pós-modernidade é decorrente de alguma insensibilidade interior.

Uma insensibilidade interior que se exterioriza na palavra, na chegada pouco singular, sem que haja o tempo e a calma necessários para a cerimônia, que encena *delicatus* e com isso, - talvez -, por isso: a hospitalidade. O gesto linguístico pede calma e tempo, tal como *o trabalho do arquiteto, do paisagista*. Requer, pois, uma cerimônia que acolha e faça desaparecer – ainda que por instantes – o desamparo inerente àquele que caminha.

### **Hospitality: delicacy in linguistic gesture**

#### **ABSTRACT**

This essay aims to think of how textuality conveys hospitality and / or inhospitality, so much so that in Latin, Hostis, it designated guest, but also hostile. Once the place has been recognized as a founding construction of culture, which will cause the thought to reach the human, as a result of the relation it constructs with the place, it will be understood that the name, memory, madness, inhabit the language, That is, the place represents historicity. The reception can be represented by different situations, but, here, it pays attention to the linguistic gesture, that is, how textuality influences in a good way. In what way does the word said convey an act of hospitality? To think that in a linguistic gesture there is hospitality calls not only to

---

reflect on the places of textuality, its historicity, but also some components essential to textual hospitality, for example, delicacy. Such problematizations are theoretically consubstantiated principally in the reading of Jacques Derrida, Anne Dufourmantelle and Roland Barthes.

**KEYWORDS:** Hospitality. Linguistics. Textuality.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ANDERSON, Perry. **As origens da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BARTHES, Roland. **Discurso da história**. 1967.

BARTHES, Roland. **Neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências Humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

DERRIDA, J. **A voz e o fenômeno**. Trad.: Maria José Semião e Carlos Aboim de Brito. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1967.

DERRIDA, J. **Salvo o nome**. Tradução: Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papyrus, 1995.

DUFOURMANTELLE, Anne. **Da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. 1ªed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo**. A lógica cultural do capitalismo tardio. 2ªed. São Paulo: Ática, 2002.

SANDEL, Michael J. **O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado**. Trad. Clovis Marques. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2012.